

O afeto enquanto práxis transformadora da realidade: a dimensão humana e a ação política da Psicologia

Affection as transforming praxis of reality: the human dimension and the political action of psychology

Ana Carolina Marendino Rodrigues; Conrado Pável de Oliveira; Lara Brum de Calais.

Centro Universitário Academia de Juiz de Fora; Universidade Federal de Juiz de Fora; Universidade Federal do Espírito Santo.

RESUMO:

O presente artigo objetiva compreender as condições de possibilidade da dimensão ético-política do afeto (*affectus*) enquanto práxis transformadora da sociedade, especialmente nas lógicas de relações comunitárias. Sua construção perpassa uma perspectiva espinosana e sócio-comunitária, buscando investigar e compreender alguns dos entrelaçamentos possíveis entre subjetividade, campo social e a ação política da Psicologia. Buscou-se um caminho metodológico que possibilitasse um diálogo entre a teoria e a prática psicossocial, de forma a tecer uma pesquisa de revisão bibliográfica a partir de pesquisa narrativa exploratória em paralelo à análise de trechos do diário de campo da autora principal – usado enquanto ferramenta de ilustração ao estudo do afeto na relação com o campo comunitário. Assim, o artigo evidencia que os afetos alegres, enquanto uma práxis transformadora, se tornam um forte mediador de reação à ameaça de existência instituída pela desigualdade social, assim como um potencializador para ações coletivas que visem a transformação da realidade.

Palavras-chave: Psicologia Social-Comunitária. Afeto. Diário de campo.

ABSTRACT:

This article was guided by the objective of understanding the possibility of the ethical-political dimension of affectus as a praxis that transforms society, especially in the construction of community relations logics. Its construction mainly runs through a Spinoza and socio-community perspective, seeking to investigate and understand the intertwining between subjectivity, social field and the political action of Psychology. In this sense, it was sought a methodological path that enables a dialogue between theory and psychosocial practice, to conduct a bibliographic review research based on exploratory narrative research in parallel with the analysis of excerpts from the main author's field diary - used as an illustration tool for the study of happy affection in the relationship with community. Thus, this article shows that cheerful affection, as a transforming praxis, becomes a strong reaction mediator to the existence threat instituted by social inequality, as well as a potentializer for collective actions aimed at transforming reality.

Key-words: Community Social Psychology. Affection. Field journal.

DOI: 10.12957/mnemosine.2022.66394

Introdução

Partindo do fomento em compreender o afeto enquanto uma práxis transformadora da realidade, o presente artigo configura-se no sentido de promover reflexões acerca da dimensão ético-política do afeto e de suas possibilidades performativas¹ nos processos de relações comunitárias. Deste modo, este estudo se compõe através do olhar da Psicologia Sócio-Comunitária articulada aos escritos de autores e autoras que trazem, no cerne de suas pesquisas teóricas, possíveis diálogos entre subjetividade, os aspectos sociais da formação humana e o conceito de afeto (*affectus*) para Espinosa, de forma, ainda, a considerar e refletir sobre o papel da Psicologia frente às condições de transformação da sociedade.

À vista disso, buscar em Espinosa as explanações de sua concepção de afeto é encontrar uma perspectiva não dicotômica entre mente-corpo e razão-emoção, concebendo o afeto como a instância movente do indivíduo, em esferas de potencialização e despotencialização. Nesse sentido, como nos aponta Sawaia (2009: 367), teremos nesta afetação a diferenciação do entendimento do senso comum de afeto enquanto carinho / afeição, pois “[...] os afetos não são estados psicológicos ou construtos linguísticos, mas condição e fundamento de ser e existir”. Assim, evidencia-se também que dentre esses autores e autoras, encontra-se a importante influência dos estudos de Bader Sawaia, que apresenta reflexões precursoras na interlocução dos conceitos aqui supracitados.

Entrelaçado a isso, o artigo desenha-se a partir de fragmentos revisitados do diário de campo da autora principal, que foi produzido em meio a intensas implicações entre a prática psicológica e a realidade sentida e vivida em diferentes contextos de atuação. Nesse sentido, as páginas aqui utilizadas foram preenchidas no ano de 2019, majoritariamente, durante um estágio profissional em serviço público na área da saúde mental. Desta forma, tem-se o estudo das narrativas contidas neste diário de campo enquanto uma ferramenta de análise à própria prática psicológica, assim como o modo de se ver e estar no mundo e em suas relações, buscando traçar uma atuação cada vez mais crítica, responsável e sensível para com os sujeitos e suas realidades, entendendo este caminho como fundamental alicerce para construção de uma prática ética e compromissada com as pluralidades e singularidades encontradas.

Diante destes delineamentos e da tentativa de estudo acerca da relação entre as composições das subjetividades – articuladas aos contextos sócio-políticos, como argumenta Guattari (2012) – assim como as viabilidades de transformação social, elucida-se que a percepção orientadora das reflexões aqui apresentadas é a seguinte: em meio a cada questão a ser (re)pensada, debatida e estudada, há uma composição histórica que acompanha sua trajetória, assim como há uma relação dialógica entre sujeito e mundo ao longo de todo o

processo vivenciado (SAWAIA, 2009), compreendendo-se, então, que “[...] me faço do encontro, num vir-a-ser a todo tempo” (DIÁRIO DE CAMPO DA AUTORA PRINCIPAL, 2019). Reconhece-se, portanto, o contexto em que os sujeitos estão inseridos, compreendendo atravessamentos, fluxos e agenciamentos que produzem transformações mútuas (HUR, 2019), alinhando-se a uma visão de que “homem e mundo relacionam-se permanentemente e neste processo ambos se transformam” (NASCIMENTO, SARUBBI & SOUZA, 2009: 10).

É a partir dessa relação dialógica também que direcionaremos o olhar acerca da subjetividade, abarcando-a enquanto um fenômeno que está em constante construção com o próprio cotidiano da vida. Segundo Nascimento, Sarubbi e Souza (2009), o sujeito, ao atuar no mundo, internaliza aspectos de sua realidade vivida, compondo sua vivência subjetiva em um processo de produção psíquica que é singular e que também é produzida constantemente a partir de seu cotidiano e de seu modo de estar no mundo. Desta forma, buscar pensar o campo social atrelado aos fenômenos psicológicos é também investigar os modos a partir dos quais essas relações se dão.

Na trajetória inicial de construção do saber-fazer psicológico como ciência e pautado em um olhar norte-americano, temos que o que prevaleceu foi uma produção de conhecimento científico objetivista, fundada nos princípios do racionalismo (BOCK; GONÇALVES, 2005), nos levando, majoritariamente, a entender o mundo social como algo ao qual as pessoas deveriam adaptar-se para sobreviver e tendo neste “[...] sujeito do liberalismo, um indivíduo contraditoriamente limitado pela realidade social” (BOCK; GONÇALVES, 2005: 114). Na busca, então, de entender o fenômeno psicológico, o foco esteve situado sobretudo no mundo interno ao sujeito, negligenciando, muitas vezes, sua constituição por sua relação com o mundo externo – em um processo de individualização do social.

Nesse sentido, de acordo com Bock e Gonçalves (2005), evidencia-se que a visão de homem era expressa de forma natural e universal, levando a uma dicotomia entre objetividade e subjetividade. Contudo, na tentativa de romper com tal dualismo pela perspectiva histórica da Psicologia Social, um dos caminhos encontrados busca conceber o “homem por inteiro” e não fragmentado, dando voz a perspectiva analítica em que reconhece o sujeito de “[...] corpo e mente, emoção e razão, determinado e determinante da sociedade” (SAWAIA, 2009: 365).

Nesse sentido, Sawaia (2009) buscará na concepção de Espinosa acerca do afeto pressupostos importantes para pensar os movimentos atuantes na produção social, amparados em referenciais ético-estético-políticos, para a construção de uma práxis psicológica que assuma compromisso com a transformação da realidade social a partir de um olhar que entende

que os processos que incidem em estruturais desigualdades sociais produzem, para além da esfera material, um cerceamento subjetivo que também implica sofrimento. Para a autora em questão, sofrimento este de ordem ético-política, inaugurando um conceito que “[...] abrange as múltiplas afecções do corpo e da alma que mutilam a vida de diferentes formas” (SAWAIA, 2001: 104). Assim, a partir dessa caracterização, problematiza-se quais as possibilidades de subjetividades que, nessas condições tão desiguais, estão sendo produzidas (e também produzem) na lógica dialética com o mundo social – a dimensão subjetiva do fenômeno social da desigualdade.

Desse modo, salientar e estudar a relevância do conceito espinosano de afeto é possibilitar reflexões acerca das estratégias que podem ser empregadas nas análises e intervenções sociais no sentido de não colaborar com mecanismos de inclusão social perversa, como nos alerta Sawaia (2009), que imperam no sentido de manutenção da ordem da desigualdade social e da cristalização da vida cotidiana em um sofrimento ético-político. Nesse sentido, o afeto, compreendido na vivência comunitária, relaciona-se com as formas de ser e de estar em coletivo na medida em que, de acordo com Deleuze (2002: 25), “[...] quando um corpo encontra outro corpo, uma ideia outra ideia, tanto acontece que as duas relações se compõem para formar um todo mais potente, e ao contrário, quando um decompõe o outro, destrói a coesão das suas partes”.

Assim, ao longo do artigo, as palavras tecidas se encontram na direção de articular conceitos fundamentais às compreensões pretendidas, sendo eles, principalmente, o sentido do encontro, de comunidade e de afeto, abarcando elucubrações que irão perpassar o campo social, a afecção do corpo e do agir, assim como a subjetivação presente nas relações - buscando compreender as possibilidades transformadoras do afeto, especialmente na construção de lógicas de relações comunitárias.

Linhas introdutórias sobre corpos, comunidade e encontros

“Mário Quintana já nos dizia: ‘Nada jamais continua/ tudo vai recomçar!’ [...] Que o nosso afeto seja para expandir o mundo. Para nutri-lo, não limitá-lo” (DIÁRIO DE CAMPO DA AUTORA PRINCIPAL, 2019).

Pensar a transformação da realidade social a partir da perspectiva dos afetos é também pensar a posição da Psicologia diante sua condição de ação política no mundo. Para tanto, cabe,

de antemão, elucidar qual olhar se lança, neste artigo, ao entendimento do conceito de afeto (*affectus*), assim como sobre a noção de encontro. E, para além, explanar suas interfaces com o conceito de comunidade.

Partindo de um olhar espinosano, temos então que afetos são “[...] afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada” (ESPINOSA, 2009, Parte III, Def. 3). Portanto, as afecções expressam-se como forças em um plano de imanência que favorece ou constrange as condições de possibilidade de existência dos sujeitos na relação com os encontros. Desta forma, temos no afeto uma transição de estados de potência, entendendo que emoções e sentimentos produzem modificações no corpo e na mente (SAWAIA, 2009).

Ao referir-se a corpo², Espinosa traz um entendimento de que o mesmo é “[...] um modo definido da extensão, existente em ato” (2009, Parte II, Prop. 13), e que age no mundo no sentido de se manter na existência. Nela, o ser humano, ao vivenciar a afetação, sofre, suporta, alegra-se ou se entristece, experienciando o poder de ser afetado (*affection*). Com isso, tem-se o afeto enquanto uma potência, um estado de alma, que tem o poder de afetar e ser afetado, tanto positiva quanto negativamente, entrelaçando-se com o poder de agir, pensar e desejar, traçando uma superação da dicotomia corpo-mente (SAWAIA, 2009). É nesse sentido que as palavras da autora principal, trazidas de seu diário de campo para o início desse artigo, podem ser compreendidas. Diante de uma situação cotidiana de trabalho - na qual pacientes e alguns funcionários encontravam-se em um espaço comum do serviço em questão, destinado ao momento de espera para o início das atividades -, os que estavam presentes conversavam sobre aspectos da rotina cotidiana, seus pares e suas relações, e a autora elucida seu incômodo em sentir-se cerceada em sua ação: “Na minha enorme pequenez, diminuir-me ainda mais por palavras tão ásperas e descuidadas que foram atiradas àquela paciente. O espaço aberto e ventilado que ocupávamos, num passar de segundos, me sufocou. Teria também sufocado a paciente? Em seu mexer de corpo retraído ela me parecia dizer: também estou me sufocando” (DIÁRIO DE CAMPO DE AUTORA PRINCIPAL, 2019).

É possível reconhecer, em ato, a experimentação do afeto triste que produziu no corpo e na mente das pessoas envolvidas uma sensação de aprisionamento. E é a partir dessa experimentação que a autora principal se vê diante do seu fazer ético de não se desresponsabilizar com a não-mudança do cotidiano compartilhado, buscando formas de engendrar atitudes que produzam o afeto alegre, capaz de nutrir, expandir e renovar nossa ação no mundo. Em outras palavras, trazendo a experiência em campo para o saber teórico, temos

que “[...] o que aumenta ou diminui a potência de meu corpo para agir aumenta ou diminui a potência de minha alma para pensar” (SAWAIA, 2009: 367). Nesse sentido do pensamento de Espinosa (2009, Parte III, Prop. 56), compreende-se a capacidade de existir enquanto relação com o sentimento de alegria e de tristeza. Quando nos deparamos com a alegria, temos nossa potência de agir aumentada. Quando, ao contrário, nos deparamos com a tristeza, temos nossa potência de agir diminuída. “A alegria leva o sujeito a agir e não se deixa levar por causas externas na compreensão do que ocorre com ele em suas afecções. Por outro lado, quando o sujeito tem explicações de suas afetações em causas externas, o sujeito não age, mas se torna passivo. Espinosa define isso como causa inadequada e diz que padecemos” (BERTINI, 2014a: 62).

Por esse viés, Espinosa, ao que Sawaia (2009) apresenta, trabalha a vasta questão da servidão humana, demonstrando “[...] que a vida ética começa no interior dos afetos, e não contra eles, pois constituem a base tanto da servidão como da liberdade” (SAWAIA, 2009: 366). Ora, sendo o homem, nessa perspectiva, uma variação de potência, é também um próprio “esforço de resistência, que Espinosa chama de *conatus* [...] e de desejo” (SAWAIA, 2009: 366). Não obstante, é preciso compreender que tal resistência supera a ideia da sobrevivência darwiniana, sendo algo a mais do que conservar-se vivo, mas sim um contínuo persistir-se na expansão do corpo e da mente na busca da potencialização da força de agir, por uma ética da existência (SAWAIA, 2009).

A partir disso, pode-se pensar também na existência de encontros potentes. Seriam esses, os encontros felizes, que têm sua capacidade de (re)existir expandida – produzindo o que Espinosa (2009) compreende enquanto bons encontros (DELEUZE, 2002; SAWAIA, 2009; ANHAS, et al., 2018). Quando pensados em articulação com a possibilidade de transformação social, seriam esses bons encontros³ capazes de produzir mudança, pois eles atuariam no próprio sofrimento ético-político, levando o sujeito a agir. Cabe ressaltar que não se trata, todavia, de um sofrimento de ordem individual, embora sua vivência o seja. O sofrimento ético-político enreda-se em uma situação social, vinculado às relações com a sociedade, tratando-se “de sofrimento/paixão, gerado nos maus encontros caracterizados por servidão, heteronomia e injustiça, sofrimento que se cristaliza na forma de potência de padecimento, isto é, de reação e não de ação, na medida em que as condições sociais se mantêm, transformando-se em um estado permanente da existência” (SAWAIA, 2009: 370).

Daí a necessidade de fortalecer as emoções alegres. Com elas, o corpo e a mente usufruem de um avivamento de potência, possibilitando a força da indignação diante da

passividade e da servidão. E será dessa indignação, para Sawaia (2001; 2009) em articulação com Espinosa, que nascerá o desejo de resistir aos cerceamentos impostos pela desigualdade social.

Diante desta forma de captar a realidade e ao falar sobre potência de ação coletiva, outro conceito se apresenta enquanto importante norteador para esse estudo: o de comunidade. Mais precisamente, o sentimento de comunidade. Bertini (2014b) nos apresenta uma definição significativa desse conceito, entendendo comunidade enquanto um coletivo de elos – unidade política, bairro, território, ideais e atividades sócio-culturais e econômicas, por exemplo. Fala-se, portanto, de “[...] um conjunto de pessoas que convivem no mesmo território ou no mesmo bairro e que, no cotidiano, vivenciam diversas experiências” (BERTINI, 2014b: 83).

Novamente é possível nos aproximarmos da perspectiva espinosana: sendo nessas experiências que os encontros se dão, será através deles que teremos, ou não, a expansão da potência de nossos corpos e de nossas mentes (BERTINI, 2014b). Nas palavras da autora:

Uma comunidade é o conjunto das potências individuais em uma dinâmica instável própria dos afetos vivenciados por cada um e vai se afirmando cotidianamente na experiência na medida em que esses afetos se afinam em um afeto comum ou em uma potência comum. Isso tem decorrência no fato de que há um reconhecimento de pertencimento a um mesmo coletivo e a construção do comum (BERTINI, 2014b: 84).

Por essa perspectiva, há de se refletir sobre os cuidados éticos necessários à realização da prática comunitária, atentando-se a compreensão dos “[...] sentidos e significados que as pessoas atribuem à sua própria condição de vida” (FREITAS, 2015: 246), o que significa perceber como as pessoas, no âmbito individual e coletivo, “se sentem, na condição de excluídos e oprimidos e, também, como alvo dos nossos trabalhos comunitários” (FREITAS, 2015: 246). De uma outra forma, pode-se dizer que, enquanto um compromisso ético-político, um profissional da psicologia, ao inserir-se em um contexto comunitário, não deve perder de vista sua condição humana, reforçando seu compromisso com as pessoas e com suas subjetividades, que são produzidas (e produzem) na lógica dialética com o mundo, fazendo-se corpo com a comunidade e seus movimentos (OLIVEIRA et al., 2019).

Metodologia

Na busca por compreender as possibilidades da dimensão ético-política do afeto enquanto práxis transformadora da sociedade, especialmente na construção de lógicas de relações comunitárias, o caminho metodológico definido para a construção do presente artigo foi, concomitantemente, a) por meio da pesquisa de revisão bibliográfica acerca dos temas e conceitos necessários ao aprofundamento do saber teórico sobre a práxis psicológica

transformadora da realidade social; e b) pelo uso das análises do diário de campo da autora principal – de forma a ilustrar os encontros entre o campo teórico e o campo vivencial das afetações diante da prática psicossocial.

Nesse sentido, a partir da pesquisa narrativa exploratória, as principais literaturas consultadas foram artigos e livros que se debruçam sobre o entendimento das relações entre afeto (*affectus*), subjetividade, o campo social (especialmente no tocante às desigualdades) e o exercício da Psicologia, numa perspectiva, majoritariamente, espinosana e sócio-comunitária. Dessa forma, as bases de dados consultadas para localizar os artigos foram a Scielo e Google Acadêmico, tendo como articulação as palavras-chave: Afeto (*affectus*); Psicologia Sócio Comunitária; Comunidade; Desigualdade Social.

No que se refere ao uso das narrativas das experiências registradas no diário de campo da autora principal, tem-se que o mesmo foi construído ao longo do seu percurso da graduação, contendo, sobretudo, os relatos de sua prática de estágio em um serviço público de saúde mental. Nesse sentido, o diário de campo foi utilizado pela autora como uma forma de se colocar em análise diante das afetações da vivência cotidiana, buscando na narrativa uma ferramenta de estudo (auto)crítico da prática psicossocial. Dessa forma, o diário assume posição atuante no presente artigo, denotando um processo implicacional da autora principal para com as práticas vivenciadas, assim como a construção de um *lócus* de integração e articulação das afetações e análises realizadas ao longo do processo de trabalho (MEDRADO et al., 2014; CALAIS, 2020).

Diante disso, ao buscar na literatura o respaldo teórico ao que foi possível se fazer perceptível em campo, encontramos um importante diálogo entre o que propõe Espinosa – em sua Teoria dos Afetos – e o modo como a Psicologia Sócio Comunitária compreende o sujeito e a sociedade, especialmente na leitura apresentada por Sawaia (2001, 2009). Neste caminho traçado, encontramos na pesquisa do campo narrativo uma aliada “[...] às constantes reflexões sobre o modo como estou no mundo, como o vejo e como o sinto. E, principalmente, sobre o que faço a partir do que sinto” (DIÁRIO DE CAMPO DA AUTORA PRINCIPAL, 2019), uma vez que “[...] esses campos de análise-intervenção contribuem com a formação de uma proposta da ciência humana, em suas especificidades, em direção à aceitação da ontologia histórico social-política-transformadora do ser humano” (CASTRO; MAYORGA, 2019: 9).

Dessa forma, elucida-se que os relatos identificados como trechos do diário de campo da autora principal irão compor o presente estudo de forma a ilustrar o diálogo teórico-prático que foi apresentado, mas, sobretudo, a dimensão afetiva envolvida no processo de estar com o

campo de trabalho, buscando uma aproximação dos referenciais teóricos às práticas cotidianas. Assim, entende-se que a escolha metodológica se construiu em consonância à perspectiva adotada para o estudo do presente artigo, o que significa compreender que “[...] o campo narrativo é o próprio fenômeno psicossocial e deixa de ser um reflexo no mundo para se tornar agente na (re)construção da realidade” (CASTRO; MAYORGA, 2019: 8).

À vista disso, os fios que teceram o caminho dos resultados e discussões apresentados a seguir enredam-se em palavras que buscaram compreender a ameaça existente nas tramas da vida em contexto social, os efeitos dos afetos sobre (e sob) ela, destacando-se o afeto alegre como direção de uma força de agir e reagir dos sujeitos, de forma a preparar terrenos para se fazer novos caminhos.

Resultados e discussão

Tendo o afeto espinosano como caminho de proposta para (re)pensar e discutir acerca da prática psicossocial, assim como as articulações propostas por Sawaia (2001, 2009), adentramos, como foi dito anteriormente, em um contexto que se entende enquanto dialético. Desta forma, cabe elucidar, tomando como direção o olhar de Mayorga (2012: 158), acerca de qual ‘social’ se tem quando falamos de Psicologia Sócio-Comunitária. Para a autora, “o social [...] consiste em um ponto de vista, uma forma de analisar a realidade que deve, a nosso ver, ultrapassar as delimitações da psicologia, mas sem deixar de dialogar com a mesma”. Assim, a autora nos apresenta também a necessidade de superarmos a ideia reducionista de que ele se refere a um lugar geográfico, pois também se inscreve para além da sua dimensão concreta e física.

Da mesma forma, cabe evidenciar também que, no que se refere à desigualdade social, a expressão abrange um fenômeno igualmente dialético, material e simbólico, no qual há uma marca real de diferentes situações sociais. Os estudos divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a partir de dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), de 2018, trazem em seus números a mensuração de um grande distanciamento em nosso país, entre riqueza e pobreza, revelando um contínuo aumento na concentração de renda no Brasil – tendo uma visão de desigualdade enquanto uma “[...] situação social hierarquizada a partir da diferença na apropriação da riqueza produzida coletivamente no país e suas consequências sociais, como diferença de acesso aos bens culturais e aos serviços e diferenças no atendimento aos direitos sociais, como cidadãos” (NASCIMENTO et al., 2009: 10).

Em completude, Sawaia (2009) nos apresenta uma dimensão conjunta ao sentido concreto da desigualdade social, ressaltando uma noção que se configura para além de seu sentido material: a dimensão subjetiva do fenômeno da desigualdade. Diante desta interface, torna-se fundamental compreender e analisar os cerceamentos intangíveis instituídos por essa desigualdade social – como a experiência e a vontade (SAWAIA, 2009). Nessa entoada, as reflexões analíticas que se seguem intentam criar uma tessitura possível entre afetos, experiência vivida e práxis transformadoras.

Afetos, realidade social e a busca do sentir da vida

O presente artigo, então posicionado no contexto das produções subjetivas advindas do campo social, afina-se com Sawaia (2009) ao compreender as disparidades e desigualdades estruturantes da sociedade enquanto uma “ameaça permanente à existência” (SAWAIA, 2009: 369), que se circunscreve tanto na dimensão material quanto simbólica do sujeito, ou seja, com desdobramentos objetivos e subjetivos. A realidade sócio-política vivenciada nos dias atuais, como apontam Barros, Benício e Bicalho (2019: 39), remete-nos a uma “[...] objetificação, instrumentalização, mercantilização e descartabilidade de certas existências”, fortalecendo a concepção de que alguns sofrimentos não sejam (politicamente) lamentados.

Nesta dialética de produção de vidas precarizadas pela pobreza e desigualdade social, o encontro com um dos fragmentos do diário de campo desenha as reflexões e afecções que apresentam o encontro com esta díade vida-morte: “O que eu vejo nessas pessoas é uma busca ardente em se agarrar a própria vida. Uma luta cotidiana que desafia a tirania da morte ainda em vida [...] O que é isso, então, que nos resgata e nos faz sentir a vida na vida?”. Pessoas que, sendo observadas pela autora, traziam no olhar perguntas vividas acerca da realidade cotidiana e seus contrastes. Pessoas com nomes, histórias, singularidades e coletividade. Sofrimentos e felicidades. Pessoas que, dentre tantos estereótipos, tinham lançado sobre os ombros tantos outros olhares sociais sobre a utilização do serviço que, naquele espaço de cuidado à saúde mental, era ofertado.

Vivenciada em campo e em sua dimensão subjetiva, a díade trazida pela autora principal tem, no âmago de suas interpelações, um horizonte necessário de reconhecimentos. Cabe aqui indagar sobre a subjetividade da produção do sofrimento em uma desigualdade objetiva que nos apresenta a concretude da pobreza – ela estará a serviço de quem? Pois é inegável que, nos sujeitos, a busca intrínseca é justamente escapar deste sofrimento, conservando-se vivo e preservando-se na existência, porquanto é nessa existência que se faz possível viver e não

somente sobreviver (ESPINOSA, 2009, Parte I, Def. 7). “Com efeito, nenhuma razão me obriga a afirmar que o corpo não morre a não ser quando se transforma em cadáver. Na verdade, a própria experiência parece sugerir o contrário. Pois ocorre que um homem passa, às vezes, por transformações tais que não seria fácil dizer que ele é o mesmo” (ESPINOSA, 2009, Parte IV, Prop. 39, esc.).

O conceito de *conatus*, em Espinosa, na parte III da *Ética*, orienta algumas possibilidades de reflexão nesse sentido. Para ele, em todo ser existe uma potência interna e singular que o impulsiona a se preservar na própria existência, em um esforço de autopreservação: “Cada coisa esforça-se, tanto quanto está em si, por perseverar em seu ser” (ESPINOSA, 2009, Parte III, Prop. 6). Perante isso, faz-se possível retomar, no trecho do diário de campo acima apresentado, a “busca ardente” captada pela autora principal no decorrer de suas experiências cotidianas. No sujeito ontológico espinosano, encontramos algo para além de uma evitação da morte: há uma busca intensa em expandir-se em corpo e mente.

Cumpra-se ainda uma articulação ao que Sawaia (2009: 370) apresenta: “Viver é mais que sobreviver. O homem tem necessidade, sim, de pão, mas igualmente de bons encontros potencializadores de liberdade, felicidade, criação e fruição do belo”. Em completude, nas palavras de Chauí (2006), compreendemos então que o *conatus* é

a potência interna que define essa singularidade individual e essa potência é uma força que pode aumentar ou diminuir, dependendo da maneira como cada singularidade se relaciona com outras ao efetuar seu trabalho de autoconservação. A intensidade da força do conatus diminui se a singularidade for afetada pelas outras de tal maneira que se torna inteiramente dependente delas; e aumenta se a singularidade não perder independência e autonomia ao ser afetada por outras e ao afetá-las (CHAUI, 2006: 124).

Diante dessa potência interna de conservação, quando ponderada no diálogo com o fenômeno da desigualdade social, é possível, segundo Sawaia (2009: 365), pensar em uma subjetividade “constituente da objetividade social”, reconhecendo que por trás dela “[...] há vida, há sofrimento, medo, humilhação, mas também há o mais extraordinário milagre humano: a vontade de ser feliz e de recomeçar ali onde qualquer esperança parece morta” (SAWAIA, 2009: 365).

À vista disso e sem enveredar por caminhos de uma romantização sobre o empobrecimento da vida, a felicidade se faz como ato de construção de uma outra vida possível. Quando falamos de alegria, para Espinosa (2009) e Sawaia (2009), adentramos o campo das paixões alegres, sendo elas que potencializam, em nossos corpos e mentes, a força de resistir e se indignar diante da desigualdade social. Nesse sentido, vale se perguntar, portanto, quais as

possibilidades de subjetividades que, nessas condições tão desiguais, estão sendo produzidas (e também produzem) na lógica dialética com o mundo social.

É possível compreender, assim, que em meio a essas desigualdades, segundo Sawaia (2001, 2009), existem cerceamentos intangíveis que são causadores de um sofrimento que cronifica a vida cotidiana, produzindo mecanismos que, na visão de Deleuze (2002) diante uma concepção espinosana, enfraquecem, diante da paixão triste, o poder do corpo de afetar e ser afetado. Dessa forma, tem-se um processo de padecimento da potência de agir do sujeito, que “[...] gera a servidão, situação em que se colocam nas mãos do outro as ideias sobre as afecções do próprio corpo” (SAWAIA, 2001:111).

Como, então, combater esta cristalização da vida? Em tal indagação encontra-se a urgência do fazer psicossocial: agir, por meio da “nossa sensibilidade de nos alegrarmos” (SAWAIA, 2009: 370), sobre o cerceamento da experiência e da vontade do sujeito, evitando, assim, o padecimento do seu ser pela despotencialização provocada diante da paixão triste (ESPINOSA, 2009). Ora, desta forma, cabe-nos pensar então que há, neste espaço inscrito em uma dimensão sensível com outro regime de visibilidade (RANCIÈRE, 2009), uma circulação dos afetos que viabiliza múltiplas formas de encontro e, diante deles, a expansão ou não da nossa potência de agir. “Há tantas espécies de alegria, de tristeza e de desejo e, conseqüentemente, tantas espécies de cada um dos afetos que desses são compostos (tal como a flutuação de ânimo) ou derivados (tais como o amor, o ódio, a esperança, o medo, etc.), quantas são as espécies de objetos pelos quais somos afetados” (ESPINOSA, 2009, Parte III, Prop. 56).

Em uma cena do cotidiano de estágio em um serviço público de saúde mental, a dinâmica de circulação dos afetos foi narrada no diário de campo. A narração, sem um compromisso literal com a descrição da cena – por estar diante de seu recurso de reflexão analítica (MEDRADO et al., 2014: 283, 286-287) –, preocupa-se, sobretudo, com a afetação originada pelo encontro entre profissionais, usuária do serviço e estagiária (autora do diário). Como em uma função de observadora-estagiária emancipada, como destaca Calais (2020), o trecho relata:

“Hoje me deparei com uma situação que me deixou sem saber como agir. Estava próxima a recepção e ao local de entrada, exatamente no meio do caminho, observando o movimento dos usuários que circulavam ali. Me deparei com uma usuária que me passou uma grande sensação de incômodo.

(O que é isso que eu senti antes mesmo de me aproximar?)

Fui chegando mais perto. Ao lado dela havia uma funcionária e as duas conversavam (era de fato um diálogo?). Quando pude ouvir o que estava sendo dito ali, fiquei sem reação.

(O que é isso que me paralisa?)

- Diz o que ele faz com você.

Silêncio angustiante.

- Diz o que ele faz quando coloca o p* para fora.

Eu estava lá, parada, e diante de uma conversa, que para mim, não produziria nada de bom. A menina vivia uma situação familiar complexa e que já estava sendo investigada pela equipe. Num semblante desconcertante, a menina descreveu o que foi pedido pela funcionária – que, logo em seguida, levantou-se e saiu andando pelo corredor, dizendo (quase gritando): “Homem não presta mesmo”.

(Qual o lugar dessa conversa que eu acabei de presenciar? Quais seus efeitos? O que se pretendia com essa conversa?)

Sem saber o que fazer, eu sentei ao lado da menina. A grande sensação que me rondava era de uma menina retraída. Em minha mente, eu via nitidamente a imagem de uma flor murchando. Perguntei se ela queria ver a horta. Ela quis e, então, nós fomos. Eu não sabia o que dizer. Mas fomos ver a horta e lá molhamos a terra e cuidamos do que havia sido plantado” (DIÁRIO DE CAMPO DA AUTORA PRINCIPAL, 2019).

O fragmento das narrativas contidas no diário de campo da autora principal nos ajuda a tornar tangível, a partir da experiência cotidiana, a mudança de um afeto a outro. As perguntas autorreferidas à autora do diário apontam também para uma reflexão ampliada, diante das inquietações acerca dos possíveis efeitos advindos daquele encontro. Neste sentido, dentre tantos afetos atuantes em campo, compete-nos lançar um olhar cuidadoso e atento às nuances de seus entrelaçamentos.

O trecho inicia-se com a narração da paralisia sentida pela autora, questionando-se em sua percepção a priori ao ato físico de aproximar-se da cena. Seria essa ação do não agir a atenuação da força de existir? Um afeto triste diante da humilhação/exposição presenciada perante o diálogo? Em Espinosa (2009, Parte III, Prop. 11, esc.), encontramos um possível horizonte: tomando a tristeza como uma diminuição do esforço em perseverar em seu próprio ser e, portanto (e na mesma medida), a sua potência de agir, a paralisação vivenciada pela autora principal é o ato de passar para uma perfeição menor – o refreamento de sua potência de agir. Ainda que diante dessa paralisia, parece-nos que há algo que escapa à própria atenuação deste existir. O que movimenta a autora principal em aproximar-se da cena? O que a faz, diante da afetação, convidar a usuária para irem até a horta? Estaria aqui colocado o que Espinosa nos apresenta enquanto um esforço em se realizar o que se imagina que levará à alegria?

Decorre que, ainda que momentaneamente, as condições de serviço presenciadas na narrativa transcrita se colocam enquanto hostis e reprodutoras da objetificação do corpo do outro. Na busca, então, de possibilitar a circulação dos afetos presentes em cena, produzindo um encontro feliz através da expansão da potência de agir entre usuária e estagiária, nos deparamos com uma imaginação presente em ato, num esforço tanto de “[...] fazer com que se realize tudo aquilo que imaginamos levar à alegria” quanto pelo esforço em nos afastarmos de

“tudo aquilo que a isso se opõe” (ESPINOSA, 2009, Parte III, Prop. 28). Evidencia-se, portanto, que estar implicado(a) em encontro é também ponderar acerca dos afetos circundantes, atentando-se ao seu próprio modo de afetar e ser afetado e, principalmente, responsabilizar-se com a não manutenção e reprodução dos marcadores sociais de sofrimento (VELOSO; BUSARELLO, 2018.).

Em direção a novos andares: as condições de construção de outros caminhos

“[...] Mas hoje eu sou silêncio. Talvez seja eu demais em mim. O que vejo é um terreno arenoso e difícil. Como manter a esperança? Como criar possibilidades para outros caminhos? Novos andares?” (DIÁRIO DE CAMPO DA AUTORA PRINCIPAL, 2019).

Diante de mais um fragmento do diário, novos questionamentos são lançados. Em meio a terrenos arenosos e hostis, que invisibilizam corpos e cristalizam práticas instrumentalizadas sobre o outro, a pergunta se orienta para: há esperança? Ou, em outras palavras: é possível produzir esperança?

O cotidiano da vida se apresenta a todo momento em seus limites e contradições, colocando-nos constantemente em dúvida acerca da nossa possibilidade de transcender aos enquadres e de produzir reinvenções quando o real da vida concreta nos silencia, cerceia e despotencializa. Dessa forma, as condições de construção de outros caminhos possíveis passam a ser, portanto, discussões necessárias para uma atuação transformadora. Quais são as possibilidades de reinvenção? Segundo Espinosa (2009, Parte III, Prop. 18, esc.2), temos na esperança a representação de uma alegria instável, que nasce “[...] da imagem de uma coisa futura ou passada de cuja realização temos dúvida”. Por ser então um afeto, cabe-nos compreender que a esperança não anda só – sendo o medo a afecção que aparece como elemento essencial diante da própria esperança. Dessa forma, nas palavras do autor, “[...] não há esperança sem medo, nem medo sem esperança”. “Com efeito, supõe-se que quem está apegado à esperança, e tem dúvida sobre a realização da coisa, imagina algo que exclui a existência da coisa futura e, portanto, dessa maneira, entristece-se (pela prop. 19). Como consequência, enquanto está apegado à esperança, tem medo de que a coisa não se realize” (ESPINOSA, 2009, Parte III, Def. 13).

Diante dessa acepção, a esperança e o medo são afecções de natureza igual e que se nutrem no tempo, cabendo questionamentos sobre os caminhos possíveis de potencializar as ações que se destinam a fortalecer o sentimento de esperança. O medo, por ser uma afecção triste, “[...] equivale à impotência da alma que, dominada e submetida, imagina novos medos e nutre esperanças em ultrapassá-los”, tornando-nos passivos frente nossa atuação no mundo

(SAWAIA, 2009: 367). De modo correlato, para se combater essa “impotência da alma”, faz-se necessário um avivamento da capacidade de existir do sujeito, atuando no revigoramento do sentimento de alegria.

Nesse sentido, e visando a superação do sofrimento ético-político, as ações psicossociais devem ser comprometidas com o fortalecimento da potência de ação dos sujeitos (SAWAIA, 2009), propiciando a circulação de afetos alegres e mais potentes, entendendo que, segundo Espinosa (2009, Parte IV, Prop. 7), só se muda um afeto e, então, um encontro, a partir de um outro afeto maior.

Diante disso, é possível compreender que o que Espinosa propõe, então, é uma denúncia de “tudo que nos separa da vida” (DELEUZE, 2002, p. 32), reforçando a importância dos bons encontros para a nossa expansão da potência de agir. No que se refere à prática psicológica, é aqui que se vê seu caráter de ação política: o profissional de psicologia deverá problematizar sua posição externa e neutra ao contexto em que atua para compreender a comunidade em sua configuração coletiva e em sua dimensão subjetiva. Nas palavras de Bertini (2014b: 84), “[...] o trabalho de quaisquer profissionais em um ambiente comunitário é, pois, estritamente político, ao se perceber como se pode construir com o coletivo organizações estáveis do afeto comum e potencializar o conjunto”.

Assim, adotando uma postura política de transformação da realidade, o profissional se entende enquanto agente que afeta e é afetado nas relações que estabelece em seu contexto de atuação, o que significa pensar, segundo Freitas (2015), em um fazer psicossocial diário atrelado a um compromisso ético, atuando diante de uma prática de liberdade, tanto individual quanto coletiva, que possa contribuir para uma transformação social, assim como visar intervenções comunitárias que fortaleçam “[...] redes mais solidárias e cooperativas entre as pessoas e, para isso, os valores comunitários e de solidariedade constituem um eixo central” (FREITAS, 2015: 244). Ainda, segundo Bertini (2014b), temos que

[...] enquanto o profissional não pertencer à rede interna dessa dinâmica, ele não facilitará que as potências individuais encontrem, mesmo que transitoriamente, um afeto comum que organize internamente essa rede para a direção de uma questão ou de um problema a ser resolvido, pois a maneira como as pessoas no coletivo resolvem seus problemas é uma indicação de como essa rede afetiva se organiza (BERTINI, 2014b: 87).

Mediante essa dialética da afetação, como nos atenta Sawaia (2009), caminhos de um bom encontro mostram que é preciso ações combinadas para a transformação social, transcorrendo para além da derrubada do tirano, sendo a urgência da ação o agir no sofrimento ético-político, combatendo as relações de servidão. Ou seja, a partir de uma prática ética e

orientada pelos bons encontros espinosanos, temos a possibilidade de expansão da potência de agir, viabilizando a circulação de afetos alegres. Arelado ao olhar da Psicologia Sócio-Comunitária, podemos dizer, então, que será na potência de agir coletiva, “no desejo de cada um e de todos” (SAWAIA, 2009: 371), que veremos novos sistemas emergirem.

Sob este ponto analítico encontramos, novamente nos fragmentos do diário de campo da autora principal, uma possível contemplação dos afetos atuantes em campo.

“Encontrei olhos que têm me ensinado a olhar. E vi corações abertos a tudo que está por vir. Sem ter a pretensão de dar conta de tudo que atravessa nossos encontros, pude entender: eu gosto de ouvir histórias e é, olhando pro mundo, que tento me achar. Sempre estou a ser. E a cada bom encontro, fortaleço o sentir dos meus pés neste chão da vida” (DIÁRIO DE CAMPO DA AUTORA PRINCIPAL, 2019).

Ao narrar sobre o efeito (em si mesma) dos encontros cotidianos, a autora ilustra que a “[...] experiência do mundo constitui-se no bojo dos afetos, construindo aquilo que somos”, corroborando ao que Espinosa propõe em sua teoria: o afeto não “inviabiliza a compreensão da realidade” (VELOSO; BUSARELLO, 2018: 84, 88), mas sim a singulariza e a constitui, não perdendo de vista a relação dialógica com os diversos segmentos da vida.

Em consonância à inspiração deste diálogo, as autoras Veloso e Busarello (2018) indagam, a partir da importância da horizontalidade nas relações, tão defendida pelas práticas psicossociais, um caminho viável para que, de fato, o discurso teórico transforme-se em uma experiência real e concreta. Como resposta, pensa-se ser possível dialogar com uma das narrativas que compõem o diário de campo da autora principal: passando a ficar à frente da condução de uma das oficinas terapêuticas, propõe-se uma mudança na forma como seu direcionamento vinha ocorrendo, de modo a viabilizar condições para a emergência dos desejos diante das práticas ali construídas.

“[...] Antes de tudo queria ouvi-los. Sentia a necessidade de ouvir deles mesmos como era a antiga oficina, como eles se sentiam e do que gostavam (ou não) de fazer. E para além disso tudo: como eles desejavam que ela fosse. E foi assim que eu, de fato, conheci a oficina e a compreendi em sua força de transformar cotidianos. Foi no encontro dos nossos dizeres que eu os conheci. E eles, a mim. Nessa troca, desenhamos juntos os próximos passos que daríamos. Sabia que não seria fácil. Mas quero continuar construindo no encontro do desejo de cada um, e de todos” (DIÁRIO DE CAMPO DA AUTORA PRINCIPAL, 2019).

Como um convite à reflexão, o trecho acima apresenta aspectos importantes a serem destacados. No que nos expõe Espinosa (2009, Parte IV, Prop. 9, esc.), o desejo é a “[...] própria essência do homem” enquanto um esforço de resistência na própria existência. Assim, será o desejo que o fará ir ao encontro das “coisas que servem para a sua conservação”. Nos relatos da autora principal, vemos como possibilidade o diálogo entre a composição da potência da

mente e do corpo em se expandir diante da própria condição do sujeito em narrar seus afetos. Segundo Castro e Mayorga (2019: pp. 7-8), este ensejo do “[...] sujeito que narra sua vida coloca-o numa posição que é, ao mesmo tempo, de autor e de intérprete de si mesmo”, contribuindo para os efeitos da formação histórica do psiquismo em integração com o contexto atual de suas experiências.

Todo o caminho trilhado até aqui nos leva a compreender que a ética dos encontros permite nos lançarmos ao inesperado e às suas infinitas articulações – um devir no tempo. Ou seja, é no encontro do sujeito com o outro que nascem as novas possibilidades, como traduzido em mais uma nota do diário: “Por que nosso encontro é rastro no caminho. O que foi, é e será. O que fomos, somos e ainda seremos. É bonito de ver que nosso encontro é capaz de inventar mundo” (DIÁRIO DE CAMPO DA AUTORA PRINCIPAL, 2019).

Considerações finais

Ao lançar-se a partir do olhar da dimensão subjetiva – entremeada aos aspectos sócio-políticos – e da concepção espinosana sobre o poder de um corpo e mente de afetar e ser afetado, evidenciou-se no presente artigo que o afeto (*affectus*), enquanto uma práxis transformadora de realidade social, atua como um avivamento contra o sofrimento ético-político legitimado e reproduzido historicamente pela desigualdade. Desta forma, ele torna-se um forte mediador de reação à ameaça de existência instituída pela desigualdade, na mesma medida em que se configura enquanto um potencializador para ações coletivas que visem a transformação da realidade.

Nesta perspectiva espinosana, isso se faz possível uma vez que o afeto une os sujeitos em seus esforços (*conatus*) como se fossem uma única mente e um único corpo, constituindo neste fenômeno o próprio sujeito político coletivo – como ressaltado por Sawaia ao longo das articulações realizadas neste trabalho. Assim, pensar a prática psicossocial é abrir-se aos efeitos históricos e culturais da produção do psiquismo do sujeito diante das condições de experiências vividas, reconhecendo (e aceitando) uma ciência que se debruça no estudo do ser humano em suas dimensões históricas, sociais, políticas e também transformadoras. Desse modo, este mundo psicológico estará constantemente em mudança, fazendo com que os campos da análise-intervenção contribuam para a formação de uma ciência humana, conforme destacado pelas autoras Castro e Mayorga ao longo do presente artigo.

Assim, diante deste processo de (re)construção, encontramos no diário de campo um dispositivo narrativo das temporalidades dos cotidianos que, empregado criticamente nas

análises de intervenção, configura-se enquanto ferramenta de resgate da condição humana frente às práticas psicossociais. Ou seja, seu uso no cerne da produção de uma ciência que visa a superação da dicotomia presente historicamente em seus processos constitutivos reforça a condição do campo narrativo como meio de produção de si mesmo e do mundo.

Por efeito, destaca-se ainda que a autora principal, ao buscar este caminho possível de entendimento do poder dos afetos e dos encontros, rememora, ao longo desta construção teórica, que o mais extraordinário sentido de sua busca estava, justamente, nas experiências de sua trajetória: permitir-se sentir os afetos e atuar, sobretudo, através deles. Vislumbra-se, justamente, que é a capacidade de afetar e de ser afetado que nos torna humanos, reconhecendo também o importante exercício de reflexão, pois sem ele corremos o risco de nos tornarmos objetos de nossa realidade.

Dessa forma, um novo horizonte se abre para o saber-fazer psicológico. Será indo ao encontro do/no campo, com os afetos circundantes dos sujeitos e suas realidades, como ilustrado pela autora principal em um dos seus desenhos nascidos pela afetação de sua prática em campo, que teceremos novas e tantas possibilidades de produzir vida na própria vida. Portanto, sustenta-se aqui que “[...] somos, a todo momento, produto do encontro nos (re)fazendo na (nossa) história” (DIÁRIO DE CAMPO DA AUTORA PRINCIPAL, 2019).

Referências

- ANHAS, Danilo de Miranda; ROSA, Karina Rodrigues Matavelli; SILVA, Carlos Roberto de Castro. Afetividade e práxis transformadora na pesquisa qualitativa. *Psicologia e Sociedade*, Belo Horizonte, v. 30, p.1-9, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.phpscript=sci_arttext&pid=S010271822018000100235&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 11 jun. 2020.
- BARROS, João Paulo Pereira; BENICIO, Luís Fernando de Souza; BICALHO, Pedro Paulo Gastalho. Violências no Brasil: que Problemas e Desafios se Colocam à Psicologia? *Psicologia: ciência e profissão*, Brasília, v. 39, p. 33-44, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932019000600305&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 23 out. 2020.
- BERTINI, Fatima Maria Araujo. Sofrimento ético-político: uma análise do estado da arte. *Psicologia e Sociedade*, Belo Horizonte, v. 26, n. spe2, p. 60-69, 2014a. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822014000600007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 mar. 2020.
- BERTINI, Fatima Maria Araujo. A vivência ético-política-afetiva na comunidade. *Cadernos Espinosanos*, São Paulo, n.31, p.81-88, jul./dez, 2014b. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/epinosanos/article/view/84029>. Acesso em: 03 mar. 2020.
- BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina. Subjetividade: o sujeito e a dimensão subjetiva dos fatos. Em: GONZÁLEZ-REY, Fernando. (Org).

- Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia*. São Paulo: Thomson, 2005. p.109-125.
- BUTLER, J. *Notes Toward a Performative Theory of Assembly*. Cambridge: Harvard University Press, 2015.
- CALAIS, Lara Brum. Estratégias de aproximação para um (a) “pesquisador(a) emancipado(a)” nas pesquisas em ciências humanas e sociais. Em: PEREIRA, Denise; SANTOS, Janaina de Paula do Espírito (Orgs). *A pesquisa e o ensino das ciências humanas: mudanças e tendências*. Ponta Grossa: Atena, 2020. p. 91-105. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/343162454 ESTRATEGIAS_DE_APROXIMACAO_PARA_UMA_PESQUISADORA_EMANCIPADOA_NAS_PESQUISAS_EM_Ciencias_HUMANAS_E_SOCIAIS. Acesso em: 21 out. 2020.
- CASTRO, Ricardo Dias; MAYORGA, Cláudia. Decolonialidade e pesquisas narrativas: contribuições para a Psicologia Comunitária, *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, v. 14, n. 3, p. 1-18, jul./set, 2019. Disponível em: http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/e3178/2167. Acesso em: 5 out. 2020.
- CHAUÍ, Marilena. Espinosa: poder e liberdade. Em: BORON, Atilio (Org). *Filosofia política moderna*. De Hobbes a Marx. São Paulo: CLACSO, DPC-FFLCH/USP. 2006. p. 113-143. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/secret/filopolmpt/06_chauí.pdf. Acesso em: 16 out. 2020.
- DELEUZE, Gilles. *Espinosa: filosofia prática*. 1. ed. São Paulo: Escuta, 2002.
- OLIVEIRA, Douglas Casarotto; OLIVEIRA, Rafael Wolki; ALMEIDA, Lucia. Pesquisa Participativa Decolonial: Movimentos de Pensamento entre Terra e Marte. *Revista Polis e Psique*, 2019. p. 107-127. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/97526/55366>. Acesso em: 20 out. 2020.
- ESPINOSA, Benedictus. *Ética*. Tradução Tomas Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- FREITAS, Maria de Fátima Quintal de. Desafios éticos na prática em comunidade: (des)encontros entre a pesquisa e a intervenção. *Pesquisa e Práticas Psicossociais*, v. 10, n. 2, p. 242-253, dez. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082015000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 28 jun. 2020.
- GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. 21ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- HUR, Domenico Uhng. *Psicologia, Política e Esquizoanálise*. Campinas, SP: Alínea, 2019.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/25700-pnad-continua-2018-10-da-populacao-concentram-43-1-da-massa-de-rendimentos-do-pais>. Acesso em: 15 jun. 2020.
- MAYORGA, Cláudia. Olhar o Futuro e Ampliar o Presente da Psicologia Social: Contribuições da Sociologia das Ausências. *Pesquisas e práticas psicossociais*, v. 7, n. 1, p. 154-164, 2012. Disponível em: https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapi/Volume7_n1/Mayorga.pdf. Acesso em: 17 jun. 2020.

- MEDRADO, Benedito; SPINK, Mary Jane Paris; MÉLLO, Ricardo Pimentel. Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas. Em: SPINK, Mary Jane et al. *A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. p. 273- 294. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/19088/1/2014_capliv_rpmello.pdf. Acesso em: 20 out. 2020.
- NASCIMENTO, Leda Souza; SARUBBI, Maria Renata Menezes; SOUZA, Paula Pimenta. A dimensão subjetiva da desigualdade social: um estudo sobre a dimensão subjetiva da vivência da desigualdade social na cidade de São Paulo. *Transformações em Psicologia*, v. 1, n.2, p. 8-37, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2176-106X2009000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 jun. 2020.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Exo Experimental Org.; Editora 34, 2009.
- SAWAIA, Bader Burihan. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. Em: SAWAIA, Bader (Org). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 97-118.
- SAWAIA, Bader Burihan. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. *Psicologia e Sociedade*, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 364-372, dez. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822009000300010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 mar. 2020.
- VELOSO, Aline Matheus; BUSARELLO, Flávia Roberta. Sussurros afetivos: Ética e afeto na práxis psicossocial. Em: SAWAIA, Bader; ALBUQUERQUE, Renan; BUSARELLO, Flávia (Orgs). *Afeto e Comum: reflexões sobre a práxis psicossocial*. São Paulo: Alexa Cultural, 2018. p. 81-100.

Ana Carolina Marendino Rodrigues
Centro Universitário Academia de Juiz de Fora
anamarendino@gmail.com

Conrado Pável de Oliveira
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)
conradopavel@uniacademia.edu.br

Lara Brum de Calais.
Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo
(UFES).
laracalais@hotmail.com

¹ Aqui, a noção de performance é empregada no sentido de afirmar as variáveis expressões que os afetos podem performar nas relações. Com base na perspectiva de Butler (2015), a performance relaciona-se com os modos de posicionamento ao aparecer na cena social e, nesse sentido, as possibilidades performativas do afeto desenham-se

de acordo com as relações estabelecidas nos contextos, tais como vinculações, paixões, políticas de ódio, de medo, entre outras possibilidades.

² Para Espinosa (2009, Parte II, Prop. 13), corpo é compreendido enquanto “objeto da ideia que constitui a mente humana” - existindo tal como o sentimos. O filósofo recusa a ideia de superioridade da alma sobre o corpo, havendo uma igualdade, pois é a mesma substância que se expressa de diferentes modos.

³ Os bons encontros não estão restritos à experiência humana, especialmente considerando a não divisão humano/natureza, perpetrada por Espinosa. Nesse sentido, os bons encontros ocorrem enquanto ato entre corpos humanos, como também com outros elementos presentes na Natureza e na Cultura.